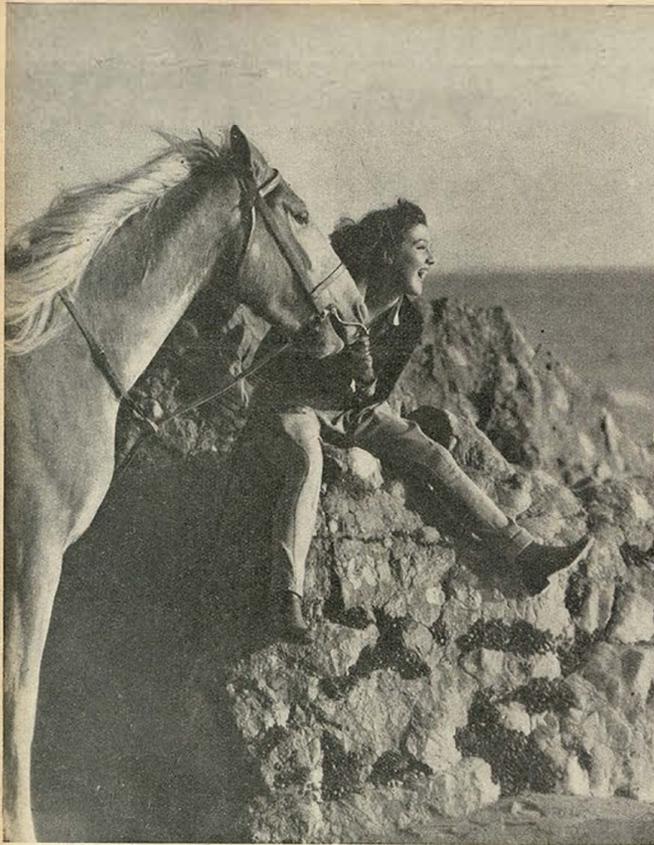


PREÇO 1 ESCUDO



★
KATHARINE
Hepburn
★

CINE JORNAL



Sentado nas perneiras, depois dum' covolgado louco, Jean Parker goza as delícias da brisa da tarde

Nas filmagens dos Jogos Olímpicos, gastaram-se 400.000 metros de filme!

CHATEAU Ruhwald, em Spandau, perto de Berlim: «Olympia-Film». Foi nessa antiga moradia aristocrática, deshabitada, que Leni Riefenstahl se instalou, com o seu Estúdio Maior, composto de 50 operadores, 100 assistentes e um numeroso pessoal, englobando o quadro administrativo e os Serviços de Imprensa, à cabeça dos quais se encontra M. Jäger, ex-chefe de redacção do «Film Kurrier».

No primeiro andar deste castelo, que deveria ter sido sumptuoso, Leni Riefenstahl estabeleceu o seu quartel-general e foi aí que ela recentemente recebeu os jornalistas.

«Além das actualidades que se exibiram, diariamente, em Berlim, começaram, fui encarregado pelo Führer de transportar para a tela todas as fases dos Jogos Olímpicos. Para isso se fundou a «Olympia-Film».

«O trabalho de planificação do Filme Olímpico foi algo de transcendente, de complicado. Tudo se tinha que prever. Problemas técnicos, problemas desportivos, horas, etc. Quando dei tudo por findo, parti para Atenas, ponto de partida do Facho; Belgrado e só depois regressiei a Berlim.

«Tive então demoradas conferências com os meus colaboradores. Mais tarde tive que partir para Kiel, em Grünau, onde se desenvolveram as pugnas náuticas.

«No Estádio Olímpico, todos os meios técnicos asseguravam o meu trabalho. Havia duas câmaras subterrâneas donde a câmara podia registar os saltos em altura, outros à partida, e um quarto à chegada.

Em três torres, construídas de propósito para nós, os meus operadores podiam seguir e captar, em globo, as diversas manifestações desportivas.

«Nos sub-solos deste castelo, onde estão instalados os nossos armazéns, estiveram encerrados 400.000 metros de filme, que chegaram, à justa, para o fim a que o destinávamos. Todas as providências haviam sido tomadas para enviar filme virgem aos operadores. Estivessem onde estivessem, em Kiel ou no Estádio — dentro dum quarto de hora viam satisfeitas as suas requisições.

— 400.000 metros para um filme que lerá depois 2.000 apenas, não é um pouco exagerado — inquiriu um jornalista.

— Não se utilizam 12 a 15.000 metros para um filme vulgar? Então?! Fique sabendo que até ao dia 1 de Agosto se gastaram 79.000 metros na filmagem de preparativos, treinos, etc.

«Durante os dias dos jogos, gastavam-se cerca de 18 a 20.000 metros, em cada vinte quatro horas.

«E para terminar, dir-lhe-ei isto que é sintomático: Na maior parte das vezes dormi apenas 3 horas por dia!».

Caruso vai reviver na tela?

Segundo informam de Londres, a viúva do célebre tenor Caruso teria dado a sua autorização, tão desejada desde a morte do famoso artista (e sobretudo desde o advento do sonoro) para ser transportada para a tela a vida de seu marido. Tratar-se-ia dum filme interrelado pelos maiores cantores da tela e far-se-ia uma escolha dos mais impecáveis 150 discos de Caruso, que serviriam para a dobragem da parte cantante com a imagem do actor.

Fala-se em Emil Jannings, Edward G. Robinson e Paul Muni para o principal papel. O argumento, intitulado *A Voz Imortal*, é de Robert Lanz e de G. F. Salmony.

Lubitsch adota Claudette Colbert

Segundo o novo contrato que assinou com a Paramount, Ernest Lubitsch tornou-se o realizador «titular» de todos os filmes de Marlène Dietrich. O grande realizador «adoptou» também Claudette Colbert.

Depois de *A rapariga de Salem*, que filma sob a direcção de Frank Lloyd, todos os filmes de Claudette Colbert passarão a ser dirigidos pelo inesquecível cineasta da *Viúva Ategra*.

Ruth Chatterton aprecia...

...A água de Vichy, a natação e viajar de aeroplano.

Tem uma avioneta privativa e voa através dos Estados Unidos, cerca de 4.800 quilómetros, pelo menos duas vezes por ano.

Com relativa frequência, desloca-se de Hollywood a São Francisco — cerca de 800 quilómetros — só para almorçar com raparigas amigas. E faz a viagem em duas horas e quarenta e cinco minutos.

Greta Garbo é a favorita de Marlène

À sua chegada à Europa, Marlène Dietrich deixou os repórteres boquiabertos, ao declarar que Greta Garbo — durante tanto tempo considerada sua rival — era a sua artista favorita.

— Sim, declarou a estréla. Greta Garbo é a minha vedeta favorita. O meu actor predilecto é Ronald Colman.

Um dos repórteres, evocando os encontros que a vedeta e sua filha sofreram, ao chegar à Estação Central perguntou-lhe:

— Não se cansa das muitas mudanças que a seguem para toda a parte?

— Não, replicou ela. Quando estou em Hollywood, ninguém me fixa. Sou uma vedeta, como tantas outras.

A uma pergunta doutro jornalista, Marlène respondeu:

— Não! Minha filha nunca será artista! Prefiro que ela escolha outra carreira. Dentro do cinema, a que eu mais aprecio é a de fotógrafo-operador. Registrar no celuloide as diversas cenas é uma arte sublime.

Marlène regressa em Novembro a Hollywood. Sua filha, ficará em Inglaterra num colégio, a fim de completar a sua educação.

Clark Gable é um tímido

Toda a gente sabe, em Hollywood, que Clark Gable é, na vida privada, muito tímido com as mulheres. Pelo menos assim dizem os jornais, sem rebuços de espécie alguma.

Ora, há tempo que vem filmando ao lado de Joan Crawford, uma película baseada na vida do célebre patriota inglês Parnell. E Joan, como sabem, está longe de ser uma rapariga tímida...

Filnavase uma cena de amor e Joan achava-a verdadeiramente frígida.

Então agarrou-se a elle, com fúria, e beijando-o lentamente, disse:

— Vamos, filho. Vê se és irlandês, ao menos uma vez!



Douglas Fairbanks pai, encontra-se com a sua filha, ex-marido de Joan Crawford, a que agora se dedica à produção de filmes

Na capa: KATHARINE HEPBURN, em «MARIA STUART»

FOI ADIADA A REALIZAÇÃO DE «SEGREDOS» DE CHARLES BOYER

Charles Boyer chegou a França, acompanhado por sua mulher. Há três meses já, que deveria ter regressado da América, mas as tomadas de vistas do «Jardim de Allah» impediram-no de abandonar Hollywood.

Boyer deveria iniciar já a seu trabalho em «Segredos», mas tem que voltar para a Califórnia em 1 de Outubro, a fim de interpretar um filme para a R. K. O. e outro para a Metro, este, «Maria Walewska», ao lado de Greta Garbo.

Atendendo ao facto, a realização de «Secrets» foi adiada para Abril próximo, pelo que o filme já não será apresentado esta época em Lisboa, como se contava.

GRETA GARBO está mudada...

GRETA Garbo, quando sai de Hollywood, para guardar o incógnito dissimula a sua personalidade, com um pseudónimo qualquer. Assim tem-se apresentado como sendo Cassie Berger, Jane Smith, Joan Emerson, Greta Berger e até Greta Gustafson, que é o seu verdadeiro nome.

Quando de regresso da sua recente viagem à Europa, Greta, que se baptizou de Mary Holmquist, não parecia tão obsecada em esconder-se de tudo e de todos — como é seu costume...

Com surpresa geral, após um ano de ausência, e pela primeira vez na sua vida, Greta recebeu a Imprensa Cinematográfica. Mostrou-se tímida e nervosa, mas sempre amável. Respondeu com bom senso a todas as perguntas que lhe fizeram, mesmo às mais ousadas.

— Porque se recusou, até agora, a conceder entrevistas.

— Nada tinha a dizer. E só me sei exprimir bem, no desempenho dos meus papéis.

Ora afirma-se que alguém surpreendeu recentemente Greta Garbo, na loja dum florista, muito empenhada em escolher um ramo de rosas rubras, para enviar para a Europa. E acrescenta o bem informado e indiscreto espião, que num cartão se liam estas palavras: «Volta, depressas».

Estará aqui a chave do mistério da transformação que nela se operou?

Um aniversário

Já lá vão dez anos!

Valentino, o mais romântico e querida das galãs, morreu, suavemente.

As mulheres de todo o mundo choraram-no. Depois, todos os anos, na data do aniversário da sua morte, a campa aparecia florida, bem como a estátua, que em sua honra foi levantada.

Este ano, apenas um ramo singelo apareceu sobre a sua campa...

E Charles Boyer, quando das filmagens de «Jardim de Allah», montou «Jadon», a cavalo branco de Valentina, na «Filha da Sheikh».



«Dolce far niente»?... Num intervalo de filmagem, Jean Harlow descansa, esquecido das «sunlights» e das aventuras que vive ante a câmara

SOU EU O CREADOR DE TODAS AS MINHAS DANÇAS

por FRED ASTAIRE

Entre um bailarino e um actor-bailarino, há na minha opinião, uma enorme diferença. O público segue, com prazer, durante dez minutos a excentricidade das pernas dum bailarino hábil — e, muitas vezes, supõe, que ele é tanto e vale tanto como um contabilista adicionando colunas sobre colunas...

Num filme, entretanto, a dança, para produzir efeito, deve ser alguma coisa mais do que uma composição de passos complicados. O mais fiel dos apaixonados de cinema seria incapaz de suportar duas horas de dança com claquettes ou de desengonçamentos de pernas.

Cada um dos passos, mesmo os mais simples, devem ter a sua razão de ser — a sua ideia inspiradora. Deve seguir, de forma perfeita, a intriga do argumento, quer seja pela sua harmonia, quer pelos seus desenvolvimentos. Cada marcação deve corresponder e contribuir para o desenrolar da acção do filme.

O mesmo acontece com a música, com

as diversas fases do argumento, com as variadas situações dramáticas ou sentimentais. Se assim não for, estaremos em presença dum artifice e não dum artista.

Quando me distribuem um novo papel, reclamo imediatamente o manuscrito do argumento e, logo que se concluem o «découpage» e a música, procuro estudar tudo a fundo. Quando me julgo senhor da ideia e do leit-motiv da acção, trato de me munir dum pedaço de papel e dum lápis e sento-me ao piano. É um princípio, que há muito sigo, este de eriar as minhas próprias danças. Antes de começar a ensaiar as novas danças desenho no papel as diversas atitudes coreográficas — tal como se fôsse um compositor de música. É um trabalho que exige muito tempo. Precisei de mais de três semanas para «escrever» os bailados de *Swing Time*.

Uma vez esboçada a minha dança envio essas notas coreográficas ao estú-

dio. Num dos seus departamentos, há pessoas que compreendem perfeitamente o que fiz. E compõem a música...

Mas não é tudo! Até à realização do filme, há muito que fazer. É preciso trabalhar e ensaiar muito para obter a perfeição. Estudei mais de 150 horas, para interpretar, ante a câmara, a principal dança de *Swing Time*. Como vêem não é ideal, para fazer curas de repouso, a profissão de bailarino.

William Powell vai interpretar Arsene Lupin

Já vimos *Arsène Lupin* interpretado pelos irmãos Barrymore. A Metro anuncia agora um novo *Arsène Lupin* rejuvenescido. William Powell será o célebre gatuno elegante. O seu inimigo, o chefe da policia, será Spencer Tracy. Myrna Loy é a vedeta do filme, embora se tenha indicado Rosalind Russell para o mesmo papel.

Erich von Stroheim e George Harmon prepararam o argumento do filme, que será inspirado no conjunto das aventuras do popular personagem criado por Leblanc.

O sublime sacrifício dos operadores de actualidades, na Espanha sangrenta...

Onde se evoca um episódio, que se desenrolou, em parte, em Lisboa

DO «Cinemas» transcrevemos, com a devida vénia, o artigo que se segue, página emocionante e colorida da acção dos operadores de actualidades, durante a guerra cruenta que se trava no País vizinho. Para nós tem o interesse relativo a tudo o que se passa em Espanha e ainda o dos factos evocados se desenrolarem, em parte, no nosso país:

Nada temam! As batias que assobiam aos vossos ouvidos, essas ária: que dançam ante os vossos olhos, não vos atirarão, não se destinam a vós.

Um simples suplemento apenas, essas actualidades sobre a Guerra Civil em Espanha, são um pequeno intermédio que as firmas editoras têm muita honra em vos oferecer, entre a eleição do mais lindo bebé de Cannes e uma Corrida de Ratos amestrados na praia de Santa Mónica.

Que diabo! É preciso varrer de emoções.

As actualidades são como o pão numa refeição raffinée: comem-se, sem se dar por isso...

E no entanto se soubessem como essas actualidades são filmadas... Olçam! Olçam bem.

Com a prata da casa...

As grandes firmas mundiais de actualidades cinematográficas têm um mau costume. Não beber as suas informações aos artigos de fundo dos jornais. Depois das eleições parlamentares, em Fevereiro último, a Imprensa séria anunciou que «dentro em breve» a Espanha iria passar um mau bocado. Foi o bastante para que uma dezena de camions e uma equipa de «contact man» e de «cameramen», dos mais experimentados, fossem despachados para Madrid. Estes senhores instalaram-se nos cafés das Puertas del Sol, pediram bebidas geladas e esperaram, em vão, durante vários dias. Como a revolução não correspondesse aos seus bons desejos, filmaram algumas corridas de loiros, e foram-se embora.

No sábado, 18 de Julho, quando a Guerra Civil rebentou em França, não havia, em Espanha, a postos, uma única firma das grandes casas editoras. Foi com a prata da casa, que alguns audaciosos efectuaram as primeiras reportagens da guerra civil. Alguns audaciosos, e, em primeiro lugar, o que morreu, quando da tomada de Mérida pelas tropas rebeldes: José Escandell, 22 anos...

Escandell, mártir do Cinema

Pensei em intitular este artigo da seguinte forma: «Como se morre, por 500 pesetas por mês»... E, depois, reflecti. Não! Não foi pelas 500 pesetas (um conto e tal) por mês, que ganhava como operador duma firma de actualidades espanhola, que Escandell morreu.

Com uma péssima «Cinez», saída há dez anos dos ateliers Borderea, é «sofria» por só poder oferecer ao patrão aspectos de loiradas e festejos populares. Quando a guerra civil rebentou, o assunto subiu-lhe à cabeça.

— Quero filmar isto...

A 18 de Julho, pelas 10 horas, José Escandell toma o último comboio que saiu de Madrid com destino ao sul. A linha está interrompida em Posadas.

Escandell trepa para um camion, que segue para Sevilha. O camion entra num bairro escuro da capital andaluz. Um «pistolero», encurralado na janela, atira sobre o condutor. Escandell agarra o volante e segue. Chega assim à beira de Giraldá onde a batalha está no auge. Filma. A película acaba-se-lhe. Precipita-se para o aeródromo de Tablada. Pouca sorte! O tráfego aéreo está interrompido. Mas eis que um turista inglês se apressa para partir para Lisboa (*). Escandell suplica-lhe que o deixe seguir... Em Lisboa, encontrará qualquer forma de enviar a película para Madrid...

— O inglês «três sports» consentiu. Descolam. Aterram em Lisboa. Foi então que se deu a «catástrofe». Os «magazines» abrem-se. O filme fica velado. Que vai fazer Escandell. Com o dinheiro que lhe resta compra filme virgem. Regressa ao aeródromo e suplica ao inglês.

— Vamos para Sevilha... E depois, leve-me a Madrid.

Chegam a Sevilha, segunda-feira, 20 de Julho, às 6 horas da manhã, quando os últimos governamentais se rendem a Queipo de Llano. Escandell regista as cenas. Volta a Tablada. Mas os rebeldes haviam aprisionado o aparelho não o deixam partir. Longa discussão. Acabam por levantar vôo...

— Agora, diz o inglês, já estou farto desta Espanha. Não aterrarei em Madrid. Se quiser descer, desça sozinho, em «para-queidas».

E foi com um «para-queidas» que Escandell desceu no aeródromo madrilenho de Gelafe, com os primeiros documentos autênticos da guerra civil espanhola.

No dia seguinte, vejam bem, regressa às linhas de fogo. Agora, com uma «Debrías», na frente de Saragoça. Actua em plena zona de combate. Está em fôla a parte. Entra nas aldeias, com as tropas governamentais. As vezes tem que fazer uso da metralhadora. Para matar?! Por política?! Apenas para proteger a retirada dos seus ajudantes. Porque agora é tem ajudantes que transportam em avião, depois, as preciosas bobines impressionadas nas linhas de fogo.

— No dia seguinte, vejam bem, regressa às linhas de fogo. Agora, com uma «Debrías», na frente de Saragoça. Actua em plena zona de combate. Está em fôla a parte. Entra nas aldeias, com as tropas governamentais. As vezes tem que fazer uso da metralhadora. Para matar?! Por política?! Apenas para proteger a retirada dos seus ajudantes. Porque agora é tem ajudantes que transportam em avião, depois, as preciosas bobines impressionadas nas linhas de fogo.

(*) N. da R. — Não conseguimos averiguar da veracidade do facto, na parte respeitante ao nosso país. É possível que ande aqui um pouco de imaginação... Mas talvez não...

Quarta-feira, 12 de Agosto. Escandell encontra-se agora no Oeste, em Mérida. É o ataque dos «regulares», o matar quear infernal das suas metralhadoras. Escandell impassível olha apenas o céu: Com esta maldita luz é impossível fazer fotografia decente... É precisamente no instante em que acabava de pronunciar estas palavras, uma descarga prostrou-o...

«No dia seguinte à tomada de Mérida», declarou-nos um repórter «os objectos pertencentes aos mortos, as suas gabardines, os seus capacetes, flutuavam à toni duma pasta, untuosa como chocolate, feito de poeira e de sangue».

E, no dia seguinte, em Picadilly e nos campos Eliseos, exhibia-se — transportada por mensageiro de Mérida para Badajoz, de Badajoz a Portugal, e de Portugal, por avião, a Paris e a Londres — a última actualidade do pequeno cine-repórter José Escandell.

Talvez a tenham visto, leitores? Entre um bom jantar e um espirituoso Lamrel & Hardy? E com certeza, cedendo ao velho hábito, lerão dilo: «A Guerra Civil em Espanha?! Conheço já esse género de actualidades... Tudo truque!».

Cinema Heróico

Tencionava enviar-vos um artigo bem fundamentado sobre as façanhas dos «caçadores de imagens» durante a Guerra Civil. Ora reparo agora que me limitai a relatar a simples e magnífica história de José Escandell, à qual não acrescentei uma virgula.

— Mas saibam que não se trata dum caso isolado.

É verdade que, até agora, Escandell foi o único a pagar com a vida o seu amor pelo cinema e pelo perigo.

— Mas houve outros que tentaram fazer como ele.

Fred L., inglês, o operador da Fox, enviou, a Barcelona, para a Olimpíada Operária foi surpreendido pela revolta. Trepon ou telhado do «Colon», no auge do ataque.

— Encolideceste?! Não-te matar.

— Não posso fazer outra forma. Só aqui é que tenho luz.

Dois minutos, apenas, de projecção. Dois minutos — o bastante para Fred se arriscar a deixar a pele...

Contam que, em Badajoz, um operador subiu a uma torre. Levava o seguinte: 1.º, uma bandeira branca, para o proteger; 2.º, o seu aparelho; 3.º, uma metralhadora, para o caso de se provar a ineficácia da bandeira branca.

A bandeira branca caiu. A metralhadora voou em estilhaços, depois de ter feito a sua obrigação... Mas o operador e o aparelho ficaram indemnes. E esta semana podem ver nas telas do mundo inteiro como a capital da Estremadura foi tomada pelos soldados de Franco.

E' PROIBIDO...

SE nos apetecer tomar um banho, montar a cavalo ou dar um passeio quando estiver a chover — ninguém nos poderá impedir. Mas já não acontece o mesmo, com as vedetas do Hollywood. Se os produtores, que as têm sob contrato, lhes disserem «não» — as pobrezinhas não têm mais do que se submeter...

Os «producers» improvisam-se, com efeito, em directores do tempo do descanso e tratam com a maior solicitude as suas vedetas, que consideram quasi como «bibelots» caros, que se devem acatular dos prejuizos materiais que possam produzir o seu valor artístico ou comercial.

Os «bibelots», às vezes, insurgem-se contra os donos, mas, pelo efeito mágico duma pequena cláusula do contrato, renunciam a ser seres humanos — para continuarem a ser as vedetas, que todos invejam...

Contam-se muitas histórias, em Hollywood, a propósito das privações a que as estrelas se sujeitam. Muitas constituem, além disso, apreciáveis complementos de publicidade, tanto mais que as «dactylos» da Metro ou da Warner se convenceram de que os espectadores venerarão mais os seus ídolos, pelo facto de, nos jornais da manhã, lerem, à hora do almoço, que eles se têm do contentar às refeições com uma fôlha do alface do dimousses reduzidas.

Marlene Dietrich aprendeu a guiar automóveis, pela necessidade do seu papel em «Dois». Tomou o gás ao êssas desportos e preparava-se para o praticar, por satisfação própria. Isto pareceu perigoso aos produtores, que se opuseram formalmente aos seus desejos.

Interdito também a George Raft jogador de «base-ball», Warner Baxter, caçador «onrágé», e Wallace Beery, jogador de «pólo», de praticarem os seus desportos favoritos.

E quantos outros prazeres estão proibidos às desgraçadas estrelas!

Claudette Colbert deve privar-se de jogar o «tennis», porque se ariscaria a perder umas grammas do seu péso: Ruby Keeler não tem o direito de patinar: os seus pés pertencem à dança.

Graco Moore tem uma «excelente» piscina, mas, enquanto filma, não pode nadar, por causa da voz. O mesmo acontece com Nino Martini, Lawrence Tibbett e Nelson Eddy.

E os trabalhos que passa uma vedeta, para aceitar um convite, para um cruzeiro?! Tem que consultar o «bureau» meteorológico, assegurar-se do que o hiato está equipado de forma a conservar-se em permanente contacto com a terra, certificar-se de que a bordo vai um piloto experientado, etc., etc.

Em resumo: a maioria dos actos das vedetas estão submetidos a um «controle» e autorização prévia dos produtores.

Uma cláusula dos contratos de Ann Shirley e de Betty Grable não as proíbem de se casar, antes dos vinte ou um anos?! Betty Grable, noiva de Jackie Coogan, não está precisamente encantada, com a demora imposta à sua impoência.

A lista de lódas as proibições que pesam sobre a existência das estrelas de Hollywood alonga-se até ao infinito.

Alice Faye e Claire Trevor não devem tomar banhos de sol, para não comprometer a branquidão da pele. As loiras, antes de mudar a cor do cabelo, devem pedir autorização aos produtores, Eleanor Whitney não tem o direito de dançar sozinha ante a câmara: Gail Patrick, Marsha Hunt e Julie Haydon não podem aparecer em «mailots», para não comprometer a sua reputação de «ingénuas». E o pobre Joe E. Brown, que tanto gostaria de usar bigode, está condenado a ficar imberbe, enquanto durar o seu contrato.

L. GRAY

Lida



Barbara

CLARENCE BROWN

QUANTAS e quantas pessoas que apreciam extraordinariamente os espectáculos cinematográficos, quantas e quantas pessoas que gostaram imenso do *Demônio* e *a Carne* e de *Ana Karénine* não fixaram o nome de Clarence Brown.

Pois Clarence Brown foi o realizador destes e de muitos outros filmes de enorme successo e é dele que vou dar-vos algumas notas curiosas que posso no meu ficheiro.

«O homem que nunca fez um mau filme»

É esta a alcunha de Clarence Brown. Tanto os seus colegas, como actores e produtores apresentam-no várias vezes sob este nome. Ele sorri com naturalidade e modestia; mesmo até com ingenuidade... americana.

Mas o cognome tem a sua explicação. Todos os filmes que Clarence Brown tem realizado dão tais interesses financeiros ao produtor que são forçosamente classificados de *bons filmes*. É de baixo deste aspecto que os magnates do cinema americano classificam as películas.

Mas também já chamaram a Brown o *realizador capicua* porque os seus filmes agradam ao exhibidor e ao público — mesmo ao público que tem certas exigências.

«Um episódio»

Certo jornalista europeu recém-chegado a Hollywood foi procurar o realizador em casa para conseguir uma entrevista.

Quando o porteiro apareceu perguntou-lhe se Brown estava e este respondeu amavelmente: «Faz favor de entrar; subiui há pouco mas pouca já».

O pobre jornalista europeu concluiu logo que ou o criado não tinha percebido o que ele queria ou ele não merecia o que o criado dizia. Duvidou, é claro, dos seus conhecimentos de inglês. Mas o que valeu é que entre tanto um pequeno avião passou roncando sobre os telhados da vivenda e foi pousar ali próximo. O criado indicou-lhe o caminho do campo onde o aparelho pousara e foi assim esclarecida a imaginação confusa.

A paixão de voar

Clarence Brown quando não está nos estúdios anda a voar ou a tratar de coisas referentes à aviação.

A sua casa de Holmby Hills possui um vasto jardim e um aeródromo privado.

É de que cuida de toda a mecânica do aparelho. Faz as reparações e até modifica e melhora certas coisas que não estão à sua vontade.

Possui estes conhecimentos pois cursou a Universidade de Tennessee e formou-se em engenharia com especialidade em mecânica, aviação e electricidade. Ganhou a sua vida até 1915 como instrutor dos recrutas da aviação americana.

Muitos dos pilotos americanos mais célebres foram alunos de Clarence Brown.

A paixão é contagiosa

Brown é uma pessoa extraordinariamente simpática e um verdadeiro amigo do seu amigo. Possui portanto numerosas pessoas com quem se relaciona intimamente e muitas delas devido à convivência com Brown tornam-se também aviadores apaixonados.

Estão neste número Ruth Chatterton, Gail Patrick e George Brent.

Eles próprios dizem ser Brown que os dotou do *sentido do ar*, pois é tal a sua força de persuasão que os torna calmos e confiantes.

É freqüente organizarem excursões, às vezes bastante longas, com quatro e cinco aparelhos. A maior parte das vezes não pousam mas muitas delas fazem elapas em várias cidades mais ou menos próximas.

Da aviação para o cinema

Em 1915, Brown, fez uma viagem a Nova York e foi com alguns amigos visitar um estúdio.

A técnica cinematográfica desta época



Com um braço rígido, em virtude dum desastre que sofreu durante os filmagens de «Gorgeus Hussy», Clarence Brown, olento, segue o trabalho dos octares

ca não tinha comparação com as complicações da técnica de hoje. Entregar a realização duma película a um estreatante não era caso raro. Como prova destas afirmações serve de exemplo o que se passou com Clarence Brown: Foi apresentado a um produtor, conversaram muito tempo e Brown expôs várias ideias sugeridas pela recente visita aos estúdios. A certa altura o produtor fixou-o atentamente e convidou-o para realizar uma película. Aceitou. Passados poucos dias estava a dirigir a realização de *Trilby* com Clara Kimball Young — vedeta de nome, naquele tempo — na protagonista.

Esta película originou-lhe a paixão pelo cinema e convenceu-o também de que pouco ou nada percebia de cinematografia mas que tinha necessidade de perceber, para poder continuar.

Foi então para Hollywood que começava a transformar-se em grande centro produtor de filmes.

Com a fama de já ter realizado uma película em Nova York conseguiu que Maurice Tourneur o contratasse para seu assistente.

Durante seis anos trabalhou sob a direcção de Tourneur e aprendeu com ele todos os truques e segredos do *metier*.

Em 1922, confiaram-lhe o primeiro

uma popularidade fantástica. (Era no tempo dos furiosos pelo cinema). Encarregaram Clarence Brown de fazer a *mise-en scène*. O filme fez-se... e fez tal successo que ainda todos o recordamos.

Lembram-se do *Demônio* e *a Carne*? Pois é este o filme produzido pelo talento destes três grandes nomes da cinematografia.

Sobre o valor de Garbo

Clarence Brown tem dado muitas vezes, publicamente, a sua opinião sobre Greta Garbo. Considera-a uma revelação continua... e são assim todos os grandes actores. Diz mesmo que nunca encontrou intérprete mais segura dos gestos e das inflexões em todas as cenas. É pela concentração e pelo trabalho que ela consegue este extraordinário poder, quando chega às 9 horas da manhã ao estúdio — diz Brown — Greta Garbo já sabe todos os movimentos, todas as entoações e todas as altitudes das cenas que tem que interpretar. As repetições são assim reduzidas ao mínimo. Tudo foi já estudado, analisado e repetido anteriormente. Quando ela começa uma cena só lhe é necessária a concentração.

Brown já realizou películas com algumas das maiores glórias da tela. Com Rudolfo Valentino — o inigualável — filmou *L'Higle*; com Norma Talmadge a película *Kiki*; com a grande e saúdosa Marie Dressler *Ema*; com Norma Shearer *Uma alma livre* e Joan Crawford em *Possessed*, *Lelly*, *Lincoln*...

O que pensa de Crawford

Clarence Brown conhece perfeitamente o valor e o temperamento de Joan Crawford, pois tem realizado vários filmes em que esta é protagonista. Além dos que já citei recordo-me agora de *Uma mulher que venceu* em que também entrava Edward Arnold, recente vedeta de Hollywood.

Joan Crawford — diz Brown — necessita pouquíssimo das recomendações do realizador mas está-lhe constantemente a fazer perguntas sobre a forma como está a trabalhar. Gosta imenso de saber a nossa opinião. Nunca se aborrece, nunca protesta, não tem exigências nem opiniões sobre o diálogo ou ângulo da câmara como é costume e hábito de *certas estrelas* cuja popularidade é devida a tudo menos ao seu valor real. Crawford é cheia de atenção com os seus colaboradores, desde o «script-girl» ao «metteur-en-scènes». Quanto ao que ela sabe fazer, as centenas de milhar de admiradores que possui são a melhor resposta...

Brown afirma que: «Crawford forma com Franchot Tone um dos pares ideais do «écran».

O futuro do cinema

É curiosíssimo ouvir Clarence Brown falar do futuro do cinema. Tem sobre este assunto pontos de vista muito especiais e audaciosos.

«Os futuros cinemas terão uma arena vasta como a dos circos. No centro ficará a cena e sobre esta cena veremos os «actores» representar os papéis. Mas os actores não serão em carne e osso mas sim *sombras sólidas*. A solução técnica deste problema está na luz refractada e na aplicação especial de determinados gags». É por causa deste ponto de vista que não creio na projecção de filmes em três dimensões nos actuals «écrans». As *sombras sólidas* serão a solução deste problema. E num futuro mais distante a televisão resolverá completamente o assunto duma outra maneira e em nossas casas poderemos assistir às primeiras representações realizadas nas mais distantes cidades. É preciso não esquecer que o cinema está na infância...

Aqui têm algumas opiniões deste homem que deve o successo dos filmes à sua sensibilidade e inteligência.

TAVARES FERNANDES

QUANDO CHARLOT ERRAVA PELO MUNDO...



Uma cena prodigiosa de «Tempos Modernos»: o Homem e a Máquina. Em baixo: outra imagem do mesmo filme: Charlot e o companheiro fogem do polícia...

SERIA absolutamente ridículo, em pleno 1936, estar a alongar-me para definir a personalidade de Charlot e dar ideia da sua extraordinária importância. Já disseram que é se pode comparar a um general que nunca conheceu a derrota: a um «boxeur», que nunca teve maus dias; a um homem de Estado que nunca soube o que era uma «gaffe».

Com efeito se existe algum artista neste mundo, cujos filmes alcançaram o maior dos êxitos; cuja popularidade, nunca sofreu declínio apreciável — esse alguém é um simples «clown», insignificante e ridículo, e tão profundamente humano: Charlie Chaplin.

Não é novo, nem bonito. Sex appeal, não tem. Não se parece com nenhuma outra personalidade da tela — e no entanto o público, juiz supremo, interessava-se vivamente pelos seus filmes, pela sua vida, pelo seu passado, pelo seu futuro.

Hoje, na verdade, sabemos quasi tudo, nestes capítulos, no que lhe diz respeito. As suas aventuras amorosas, os seus temores do filme falado, a sua independência de espírito, e até as suas preferências políticas.

O que se ignora totalmente são os seus inícios obscuros em Londres, os seus primeiros êxitos e «astres». Charlot nunca falou acerca deles e os seus amigos e camaradas doutros tempos ou morreram ou desapareceram.

O acaso, a Providência dos jornalistas, pôs-me noutro dia em presença duma irlandesa, sexagenária.

É uma funcionária aposentada, que vive, desde o armistício na Côte d'Azur. Foi aí que a conheci.

Se não triunfar como actor...

Chama-se Mrs. Belly O' Graddy e veio passar algumas semanas, pela primeira vez na sua vida, em Nice. Veste-se discretamente e sem elegância. Mrs. Belly O' Graddy evocou as suas recordações doutros tempos, com uma indiferença que me pareceu sincera:

— O seu amigo disse a verdade. Sou viúva dum cabeleireiro de Londres, e, ao mesmo tempo, uma «veterana» do «music-hall», ex-colega de Charlie Chaplin. Parece admirado, e afinal isto nada tem de extraordinário. Não era lá muito agradável fazer carreira, nesse tempo, pelo «music-hall». Charlie Chaplin era pelo meus doze anos mais novo do que eu. A principio tratava-o com muita amizade e até com piedade. Mas tinha um génio terrível e acabou por se zangar comigo — como com toda a gente.

— Uma pergunta, minha senhora! Como é que nunca lhe ocorreu escrever as suas memórias? Uma antiga colega de Charlot, no tempo em que ele errava pelos palcos...

Com um gesto vago, voltou:

— Nunca fiz literatura. É tarde para começar. E, por muito estremo que lhe pareça, nunca dei grande importância a estas evocações. Hoje ainda, não sou capaz de compreender a popularidade fantástica de que Charlie Chaplin disfruta. Na minha opinião, ainda não o vi representar melhor (até às luzes da Cidade) do que no tempo em que era um dos meus colegas mais modestos, dos que nunca tinham mais do que cinco dinheiros na «gibeteira». Teve sorte — eis tudo.

Ele próprio não sabia bem o que queria ser. O que lhe interessava era ser milionário e tornar-se célebre. Disse-me um dia que, se não triunfasse como actor, se tornaria comerciante ou inventor. Mentiria se lhe dissesse que tanto eu como as minhas camaradas confiamos no seu talento. Longe disso.

Quanto a mim considerava-o o prototipo do «faldado»? E se continuasse em Inglaterra, nunca seria ninguém.

Os factos desmentiram as nossas previsões. E, um belo dia, quando o eco dos seus primeiros êxitos chegaram a América, um dos nossos camaradas de outra, chamado Perce, declarou-me:

— Vés Belly! Estas coisas só são pos-

síveis na América, onde o Teatro, o Cinema, tudo — se encontra num estado primitivo. Lá, um tipo como o Charlot consegue fazer sucesso.

— No entanto, volvi, parece esquecerem que Chaplin se impôs ao agrado e à admiração incondicional de todo o mundo.

— De acôrdo! Dei-lhe a minha opinião apenas, que é idêntica à de todos os que, outrora, conheceram Charlie Chaplin.

Charlot agradava às mulheres?

— Qual era a sua vida privada, nesses tempos? É indiscrição, perguntar?

— Disseram que as mulheres não se agradavam dele. Não é verdade! Pelo contrário, o seu feitio facilmente sujeito a influências, conquistava certas mulheres. Tinha uma excelente amiga, mais velha do que eu seis anos, casada com um oficial de marinha! Era a única a acreditar, convicadamente, no talento de Charlot. Por ele, faria todos os sacrifícios. Ele era ciumento, até à cegueira. Tinha um feitio quezilhento. Gostava de se fazer passar por «uma vítima das mulheres», por um... «mártir do amor»! Marta, a minha amiga, não obstante a afeição sincera que ele lhe inspirara, não pôde suportar durante muito tempo a sua inconseqüência e sobretudo a sua mania da perseguição. Quando o seu idílio findou, Charlie Chaplin falou-me com rara sinceridade:

— Belly! Achas que serei capaz de encontrar uma mulher que viva comigo, sendo toda a vida, pelo menos grande parte dela?

A franqueza que transparecia na suas palavras, fez com que lhe retorquisse, sem dissimulações:

— Dependes apenas de ti, meu velho! Tens ainda muito que aprender, nos domínios da psicologia feminina. Espero que a lição, que Marta te deu, te haja sido proveitosa.

A face Charlot tornou-se súbitamente triste. Por momentos, julguei que ia deslazar em soluços. Após um longo período de reflexão voltou:

— Tenho um feitio levado dos diabos. Aquilo a que vocês chamam as «expe-

riências da vida», não me são uada proveitosas. Hoje subo uma escada. Cato. Amanhã torno a subi-la como se uada houvesse acontecido.

Lembro-me de que as suas palavras me impressionaram. E limitei-me a dizer-lhe:

— É grave, meu amigo! É muito grave, o que confessas.

Charlot, ovarento!

Mais tarde, e por culpa dele, fui envolvida numa ridícula história de diuheiro... Já lá vai!... Talvez não devesse evocar tudo isto. No entanto, sempre lhe irei dizendo que ele esteve longe de se portar como um «gentleman», comigo.

Um belo dia, a mulher dum artista estava prestes a dar à luz um bebé. Procurámos quotizar-nos, para lhe comprar qualquer coisa de útil. Todos correram, excepto Charlie.

Eis as razões que ele vos deu: «— Roberto (era o nome do marido da parturiente) é bastante antipático. Além disso, é pobre e soa de opinião de que quem é pobre não tem o direito de ler filhos. Não contem comigo! Não dou um «penny».

«Foram vãos todos os esforços para o demover. Por fim zangou-se:

«— Estão autorizados, disse colérico a quem o cartão que acompanhe o vosso presente: «A Mr. e Mrs. Robert, os seus camaradas, à excepção de Charlots.

* * *

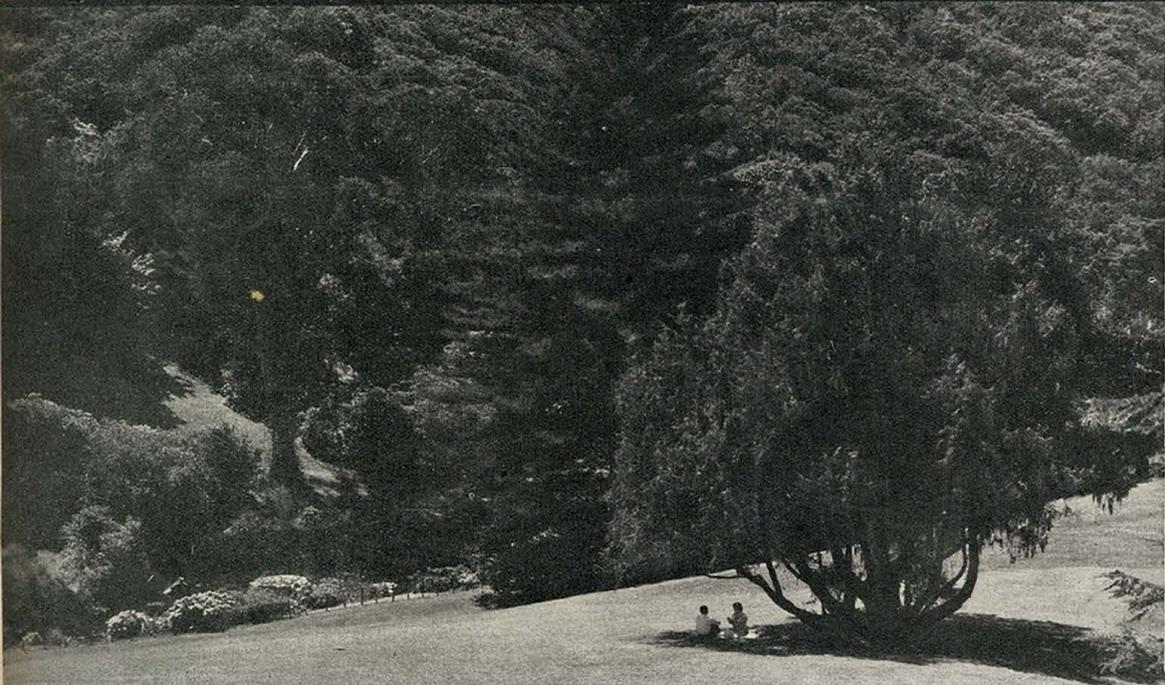
E Mrs. Belly O' Graddy, à guisa de conclusão:

— Não me queira mal por lhe ter falado com uma franqueza, talvez demasiado brutal, dum homem que é hoje o ídolo de 500 milhões de espectadores do mundo inteiro. De resto, vai tão longe tudo o que lhe conflet. Se não o encurtasse hoje, talvez nunca contasse isto a ninguém. Charlot é hoje a maior figura da tela. E hoje o que lhe desejo é a maior felicidade e que seja ainda mais célebre, se tanto é possível...

LUCIEN COROSI



A PAISAGEM



das circunstâncias — e ainda bem! — novo rumo. Em breves apontamentos — apontamentos, nada mais! — entre- vimos a Coimbra Doutora (que grande filme ali está), o Pôrto laborioso e o Minho verdejante, o mais ahençoado torrão da Terra Portuguesa, aquele que a Natureza mais pródigoamente dotou!

Depois das *Pupilas*, o *Trevo de Quatro Pólvias*. E neste filme tão criticado e discutido, a paisagem portuguesa triunfou uma vez mais — e foi um dos seus elementos que mais agrado despertou. A viagem de Lisboa ao Pôrto, meia dúzia de imagens felizes, ouviu uma salva de palmas, as mais sinceras e numerosas que o filme logrou acor- dar.

Bocage, pela natureza especial do assunto que foca, não nos poderá dar uma contribuição apreciável no capítu- lo do aproveitamento da paisagem portuguesa. *Revolução de Maio*, de An- tónio Lopes Ribeiro compensa-nos, po- rém, largamente. São desse filme as imagens que ilustram esta página, ver- dadeiras «descobertas» tôdas elas, pro- digios de arte e de bom gosto. Não são as únicas — acreditem. Vimos dezenas, tôdas do mesmo nível superior que distingue as que apresentamos, colhi- das, aqui e ali, no fértil filão da Terra Portuguesa.

Finalmente, *A Canção da Terra* re- velar-nos-á a beleza quasi ignorada de Pôrto Santo, quer nos seus recantos



PORTUGUESA

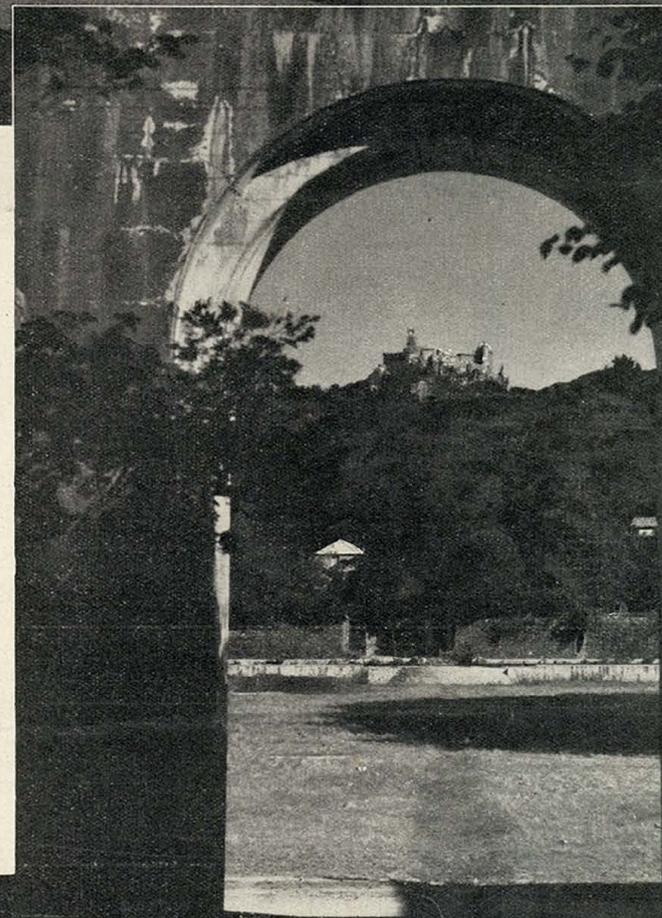
mais belos e pitorescos, quer na gran- deza selvática das terras, que o homem desbrava, dia a dia, numa epopeia que tem qualquer coisa de grandioso e de sobrehumano.

Portugal é um país riquíssimo sob o aspecto paisagístico. Temos neve na Serra da Estrêla — e temos o sol escaldante do Alentejo, sobre uma terra em fogo. Temos areais sem fim, na orla marítima, e matas imponentes como no Buçaco e em Sintra. Temos o Ocea- no bravo e os rios cantantes, lado a lado. Lagos tranquilos, à beira de flo- restas paradisíacas. Planícies a perder de vista e montanhas, dos mais varia- dos matizes. Portugal, manta de rela- lhos, cada qual com o seu jeito e a sua cor — seria cinematograficamente céle- bre, se cinematograficamente também não estivesse perdido, como que lan- çado à margem da Europa! A Califór- nia não tem mais luz, não tem mais variedade e mais beleza do que o nosso país. E é julgada um paraíso, um rin- ção ideal.

Por isso, voltamos a repetir, a apre- goar: arejemos os nossos filmes, com a paisagem portuguesa. Façamos a sua propaganda, mesmo entre os nacionais, que desconhecem, em regra, a sua terra — um país onde se viaja uma vez por ano...

Banhemos os filmes da nossa luz! Demos-lhe, como fundo, as nossas pai- sagens sem par. E nacionalizando o ci- nema, desta forma, prestamos-lhe um serviço inapreciável: faremos com que os nossos filmes, sem ser nas insufi- ciência de toda a espécie — sejam em absoluto diferentes dos outros que pe- jam as nossas telas...

FERNANDO FRAGOSO



NO CINEMA

SE olharmos, com os olhos de ver, os poucos filmes entre nós reali- zados, chegaremos facilmente à conclusão de que a paisagem por- tuguesa, tem sido, neles, o motivo com mais frequência explorado. Abandone- mos os filmes mudos, onde essa ten- dência, aliás, se manifestava já exuberantemente (vidé versão muda das *Pu- pilas*, *A Fonte dos Amores*, *O José do Telhado*, *Maria do Mar*, etc.), para analisarmos, de relance, o papel desem- penhado pela paisagem nos fonofilmes nacionais.

A *Severa* e *Gado Bravo* focavam, sob- retudo, as lezírias imensas do Ribate- jo, com os seus «montes» de sobrei- ros: os riachos que mais acentuam a secura escaldante da planície; as es- tradas poeirentas, onde os campos dir- se-iam perdidos na bruma; os hori- zontes, sem fim, que adivinhámos, es- fumados pela néblina da manhã.

Campinos do Ribatejo, que veio de- pois da *Severa*, abordou o mesmo tema: as mesmas terras e as mesmas gentes, no palpitar da sua vida fecunda — ébria de liberdade, de sol, de luz.

Durante muito tempo — creia que os cineastas, depois da «descoberta» da Nazaré, não se interessavam por outros assuntos «retóricos», que não fossem as lezírias e a festa brava.

Mas *A Canção de Lisboa*, como o nome indica, cantou a beleza da ca- pital, a sua graça singela, o viver sim- ples dos bons burgueses, a ingenuidade das suas festas, dos seus descantes e arraiais. E mais uma vez se voltou a repisar um tema já mais ou menos ba- tido, em *Alfama* do Dr. João de Sá, em *Lisboa* de Leitão de Barros — o que não quer dizer que o verdadeiro fil- me sobre Lisboa se encontre já reali- zado...

Com as *Pupilas*, tomou-se, por força

No próximo número, um artigo sensacional: "A propósito do Concurso Internacional de Filmes de Amadores", pelo delegado de Portugal, naquele certame, Sr. Dr. Antonio de Menezes

A ARTE DE AGRADAR

por Madeleine Renaud

MADELEINE Renaud, uma das grandes artistas do Teatro Francês, Societária da Comédie-Française, intérprete inteligente e fina que ao cinema tem dado o melhor da sua sensibilidade, é a autora do curioso artigo que se segue e que as nossas leitoras vão ler com interesse:

NÃO TENHAMOS ILUSÕES...

As mulheres que não são belas, que não podem contar senão com o seu «charme», no caso de o terem, ou apenas com a sua personalidade, se «charme» não têm — não se devem iludir a si próprias.

Examinem-se com sinceridade, olhem para si com os mesmos olhos com que olhariam uma estranha e procurem saber o que mais prima pela beleza, no seu caso — tarefa fácil, aliás — para procurarem valorizar, depois! Feito isto, vejam o que não vos agrada em vós próprias e classifiquem os motivos de desagrado, em duas classes: os que são susceptíveis de melhorar e os que são irremediáveis.

Não queiram disfarçar defeitos físicos com coisas que sobre eles ainda chamam mais a atenção. Encarem-nos com vontade de os eliminar, pacientemente.

Para os irremediáveis há duas soluções! Uma: resignem-se, esqueçam-nos — para que os outros os esqueçam. Outra: sublinhem-nos audaciosamente: se a boca for grande, carreguem os lábios de «rouge». Se uma sobrancelha estiver mais alta do que outra, pintem-na na mesma! Às vezes, estas audácias redundam em autênticas vitórias. Questão de temperamento. As americanas, sobretudo, são mestras neste capítulo.

DEFINAM O VOSSO GÊNERO

Não se mascarem! Isto é: procurem ser sempre o que na realidade são!

As mulheres «coquettes», audaciosas e azougadas podem usar uma «maquillage» espartafatos e falsos de atrair as vistas... Podem correr esse risco.

As rapariguinhas simpáticas, que não são feias, mas que não são bonitas por aí além, têm todas as vantagens em ser simples.

Sobretudo, evitam copiar seja que estrela for, por mais evidente que seja a sua beleza, por mais incontestável que seja o seu magnetismo. Porque ela tem o tipo da sua raça, do seu país, tipo físico que diz com a sua maneira de ser. Há poucas probabilidades que correspondam às vossas características.

Não se iludam, repito...

SIMPLICIDADE, EIS TUDO!

Todas as raparigas perdem em apare-

cer «pomposamente» vestidas. Sejam simples, frescas — não deem demasiadamente nas vistas.

Quanto a mim, adoro o branco, o azul, o preto, os falsos à vontade e desportivos. Tenho horror aos vestidos de noite, salvo quando se parecem com trajos de passeio. Deixem ao vosso cabelo a cor natural. Conserve-no negro ou cor de linho, se a Natureza assim vos dotou. Pintam as unhas? Tentem envernizá-las num tom natural. Ou, então, de vermelho. Fugam do «nacre», do «fambroesa» e de outras chinesices semelhantes...

Cuidem bem de-as, façam bom uso do polidor e dispensarão a pintura, com vantagem.

Sobretudo se as mãos forem papudas, ou pouco bonitas... Que interesse há em channar, sobre elas, a atenção?

Penteiem-se sem grandes fantaisias.

Quanto a mim, evito as ondulações a ferro. Permanentes, pior ainda. Faço apenas «mise-en-plis», com água. Se tiverem cabelo forte, podem fazer tudo isso... Eu não aconselho.

SEGREDOS, QUE NÃO SÃO SEGREDOS

É aqui têm, para findar, todos os meus segredos, que, a bem dizer, não são segredos.

Vão para o campo descansar, sempre que puderem. Nada há que valha o arvoredo. Para mim, para todos — é o lónico ideal.

Uma dieta simples, sem exageros, é aconselhável: legumes, frutos, carnes mal passadas, sem molhos esquisitos...

Depois do meu banho matinal — muito quente — dedico-me à cultura física.

Como pareceis para o embelezamento e bem-estar aconselho o azeite. Como medicamento externo e interno. Não podem dizer que lhes receito produtos caros...

Na minha cara, para a limpar da «maquillage», não ponho água, sabão, vaselina, e — sobretudo glicerina. Limbo-me a «passá-la», com um pouco de algodão embebido em azeite perfumado. De resto, como tenho a pele um pouco seca — não quero outra coisa.

Quando estou muito pálida, o que me indis põe imediatamente, uso um pouco de «rouge». Porque se por um lado o azeite é excelente (tomem uma colherada, ao deitar, três a quatro vezes por semana) a má disposição nada tem de agradável.

E a má disposição elimina-se, ou atenua-se, no dia em que todos se convencerem que o bom humor é um dos mais seguros elementos do equilíbrio físico e moral.

MADELEINE RENAUD



June Lang deve, à cultura física, a sua linha e a sua «souplesse»

A história de MYRNA LOY



Logo que viu a sua prova, Myrna compreendeu e deixou o estúdio, sem ouvir ninguém. Este primeiro insucesso deu-lhe vontade de trabalhar, de se reabilitar aos seus próprios olhos. Arregimentou-se entre as figurantes. Não era rica. Entregou ao chefe de figuração as fotos que lhe deu Waxman. Desempenhou assim, um, dez, cem papéis de mestiça, chinesa, e outras raparigas de cor, mais ou menos pérfidas e amorosas.

Chegou-se a pensar que ela nunca deixaria os Fu Manchus e outros chineses. Variou um pouco, desempenhando papéis de espiã e de «mulheres más».

Quantas vezes ela desviou Conrad Nagel daquela fidelidade que este jurara a May Mac Avoy, nas comédias da Warner de 1925-1926?

O tempo passou, Myrna depressa se celebrou. Ontem *Missão Secreta*, *O Homem Sombra*, *Testemunha Imprevista*.

Hoje, *A Secretária do meu marido*, *Perseguidor de Saías*, *A Mulher das Pérolas!*

* * *

Myrna Loy concluiu já o ciclo das suas metamorfoses? Acho-a tão bem como está, que não gostaria de a ver mudada. As mulheres, ela incute uma esnecidade de confiança em si próprias, no seu triunfo. É encantadora, e não é academicamente bonita. Agrada. Os homens, de todas as idades, acham-na «formidável». E no fundo, é caprichosa e exigente, como todas as outras.

Mas ela tem «personalidade conjugal».

Personalidade, que acabaram por aprender à força de a ver, no seu lar, harmonioso e feliz, ora com Clark Gable ora com William Powell. As mulheres, diz-lhes que para se ser amada e para se fazer a felicidade dum homem, não é preciso ter virtudes áridas, fazer grandes sacrifícios que ninguém agradece, exibir uma doçura e resignação angelicais. Como também são inconvenientes os ciúmes, estêreis, suspeitas mesquinhas e autoridade tirânica, para se fazer amar por um homem.

Por tudo isto, afigura-se que seria justo dar-lhe um diploma de «professora da felicidade conjugal!» E quanto se ganharia em ser seu discípulo!

S. C.

CONHEÇO uma quantidade de rapazes que fogem do casamento como o diabo da Cruz. Para eles, é, pior do que a força.

É a mulher a fazer «cenças», a proibi-los de sair, a não querer que recolham tarde, a não os deixar ir ao foot-ball...

Ora estes rapazes foram um dia ao cinema ver *O Homem Sombra*. E a maior parte deles, declararam-me: Ah! se eu tivesse a certeza de que encontrava uma mulher como a Myrna Loy!...

Casavam-se logo a seguir, claro está...

* * *

Antigamente, há sete ou oito anos, Myrna Loy envergava um vestido longo e sinuoso, de seda negra ou pele de pantera. Era colante e pérfida: a mulher serpente. Ao pobre Adão, indeciso e tentado, oferecia a aere e saborosa maçã do pecado mortal. Hoje vive para resgatar a depreciação do lar conjugal.

Mas que lar! Nêles dominam todos os elementos que se costumam pôr de infusão, para obter um casamento feliz: fidelidade recíproca; auxílio e assistência, por parte do marido; obediência por parte da mulher.

Mas ela soube temperar tudo isto com um maravilhoso ramo de fantasia, de ternura inteligente, de camaradagem. Uma mulher — uma linda mulher — que confiante, de lealdade e simplicidade, seria, ao mesmo tempo o melhor dos camaradas! O ideal dos homens, não há que ver! E há pouco tempo li, assinado por um dos maiores críticos lon-

drinos — seriíssimo, de ordinário — este comentário, a propósito dum dos seus últimos filmes:

«E temos Myrna Loy. Que direi de Myrna Loy? Isto: que se deviam decretar sanções contra os homens que, ao menos uma vez, não idealizaram o seu casamento com Myrna Loy. E que não são normais, com certeza.»

* * *

Que idade pode ter Myrna Loy? Contando bem, convengo-me de que é já «trintona». E, por milagre seu, os tão temidos 30 anos, tornaram-se na idade invejável para a mulher. Vejamos a sua vida. Só há pouco ela atingiu esta plenitude de talento e de encanto.

Antes, o que era Myrna Loy?

A princípio, uma garota da província, de cabelos ruivos, de olhos claros, nariz arrebitado, braços desageitados. Nasceu numa pequena cidade, na foz do Missouri, em plena montanha. Na região onde as minas de ouro estão esgotadas e onde as torrentes são inescotáveis. Nessa montanha, selvática e bela, a quem devemos já Gary Cooper.

Vestia calças de rapaz e usava o cabelo cortado à escovinha.

Gostava de ir à pesca com o pai, nas frias águas da montanha. Adorava a caça, as longas marchas pela floresta, as alturas para descanso e para preparar as refeições frugais, do bom caçador. Myrna era a favorita do pai, porque era um verdadeiro rapaz.

Tais foram os antecedentes desta ra-

pariga, que foi na sua infância uma autêntica Maria-rapaz, para se tornar depois mulher fatal e mais tarde esposa modelo, século XX.

* * *

O pai morreu. A família abandonou Montana, pela Califórnia. Myrna teve que ganhar a vida. Aprendeu a dançar. Dava lições de dia e, à noite, trabalhava como «girl» num número de Fanchou & Marco. Um belo dia, um fotógrafo célebre, Henry Waxman, foi, durante um ensaio, fazer algumas fotos das bailarinas, para um *magazine* de luxo.

Entre as raparigas, distinguiu Myrna: a sua silhueta elegantíssima, e a sua maneira inteligente de «posar».

Durante um dia inteiro, fotografou-a, procurando e complicando a iluminação, a «maquillages» e as fotos. À noite verificou que fizera esplêndidas fotos, dum exotismo de «music-hall»: Myrna de lábios sensuais; face um pouco esquiada; olhos esverdeados, rasgados para os lados; corpo tortuoso e serpenteado.

Mostrou estas fotos — orgulhoso como estava — a toda a gente, e, entre outros, a Rudolfo Valentino. Este convenceu-se imediatamente que estava ali a mulher que buscava para *Cobra*. E antes de que ouvissem, sequer, a sua opinião, Myrna foi caracterizada e transformada em mulher fatal... e oriental...

Foi um desastre! Não é, assim, de pé para a mão, que se encarna um papel de mulher serpente, sobretudo quando se é uma rapariga simples, quase aldeã ainda.

A NOVA TEMPORADA

P R O M E T E . . .

Continuamos hoje o relação dos filmes a estreiar na próxima época. A série é tão grande que muitos deles terão de ficar ainda para o número seguinte.

Já vamos no quarto semana e «Cine-Jornal» ainda não esvaiu a caixa das surpresas!

E de notar que o qualidade acompanho o quantidade; podemos estar certos que o temporada de 1936-37 marcará sob todos os pontos de vista.

FALAMOS das introduções distribuídas pela Metro, Sonoro-Filme, e 20th Century Fox.

Destes feita vamos-nos referir a mais duas firmas distribuidoras: a *Aliança-Filme*, do Pôrlo, que representa a *B. K. O.*, e a Sociedade Raúl Lopes Freire, L.^{da}, que detem o exclusivo da U. F. A.

Começemos pela *Aliança-Filme*. É de fresca data a popularidade conquistada entre nós pelo par de bailarinos Fréd Astaire-Ginger Roger, mas tanto um como outro são considerados já como imprescindíveis.

Fred Astaire é o maior bailarino que temos visto, na tela e fora dela. Não vemos mesmo ninguém com quem se possa estabelecer paralelo.

A sua agilidade é pasmosa. A intuição que possui do ritmo dá-lhe foros de verdadeiro artista. A elegância de atitudes, o redemoínham caprichoso, quasi inverosímil, dos pés alados, são mais que simples alardes duma consummada gymnástica: é arte, no pleno significado da palavra.

Ele cria os seus bailados; dir-se-ia que os improvisa no momento preciso em que começa a executá-los.

Ginger Roger não é só a parceira ideal de Fred Astaire (e já não era pouco). Ginger Roger é, de certo modo, a Herminia Silva da América...

Estamos a vê-la e a ouvi-la no *I like music* no «Voando para o Rio»... Que castiça!

Dentro de cada rapariga americana há uma Ginger Roger, discreta, constrangida, polida pelo uso da sociedade, mas que ao quarto «cocktail» irrompe como rolinha de garrafa de champagne.

...Pois cá os temos em três filmes: *Top Hat* (Chapéu alto) é reputado o melhor dos filmes do par dançarino. — De se tirar o chapéu, considera a crítica americana.

Siga a Marinha. Convite a que não resistirá o mais ponderado e grave dos cidadãos ao ver Ginger Roger vestida de marujo. Tem por cenário a esquadra americana.

É *Swing time*, sucessor do «Voando para o Rio», conforme se anuncia.

Em *carne e osso* veremos ainda Ginger Roger, mas sem Fred Astaire. É uma comédia musical com George Brent que foi parceiro da Garbo no *Veu das ilusões*.

Katherine Hepburn é um caso único no cinema. Ao pronunciar o seu nome fala-se de Sarah Bernhardt. Mas não, ela é incomparável.

Katherine Hepburn é o mais extraordinário temperamento artístico revelado até hoje pelo cinema!

A Maria João, das *Quatro irmãs... Maria Stuart*... dois mundos diferentes, mas a mesma artista.

Os americanos prelam-lhe lódas as honras: escolhem um autêntico valor para realizador — John Ford, o autor do *Demuciante*; gastam rios de dinheiro para nos dar uma rainha da Escócia no ambiente próprio; fazem-na acompanhar de Frederick March; e — o cômico!... — usam de um eserúpulo extraordinário na reconstituição histórica da época.

A América delirou... É Portugal?

Esta Lily Pons, que vamos ouvir agora pela primeira vez, desvenda até certo ponto, o segredo da subalternidade do cinema francês, e confirma uma vez mais o lugar comum de que «ninguém é profeta na sua terra».

Roxinol da França chama hoje a América, em homenagem à voz puríssima, áquela que no seu país andou a menear, de estúdio em estúdio, um pequeno papel.

A sua voz excede a de Grave Moore, mas não teve sex-appeal suficiente para impressionar os dirigentes... E foi mais oiro que saiu de França, porque Lily Pons hoje ganha o que quer.

Ve-la-emos em *A voz do Amor*. *Pirata bailarino* é um filme tecnicolor (mais um) com a felina Steffi Duna, da *Cucaracha*.

Teremos ainda um filme com Charles Boyer mas ignoram-se, por enquanto, os pormenores.

A *Aliança-Filme* apresenta, também, filmes franceses, entre os quais há a destacar *Porto Arthur*, um dos episódios mais emocionantes da guerra russo-japonesa (1905).

Espera-se que este filme, realizado por Nikolas Farkas, o autor da *Batalha*, venha rehabilitar o cinema francês.

Teremos ocasião de admirar em *Porto Arthur* Danièle Darrieux, considerada hoje a maior artista francesa, acima de Annabella e «com o estôfo da Réjane» como asseguram os críticos de Paris. A ver vamos.

O grande amor de Beethoven é um filme de Abel Gance. Henry Bauer na figura do grande compositor tem deveras ensanchas para marcar quanto vale. E depois ouviremos o «Claire de lune» e outros trechos de Beethoven pela Orquestra do Conservatório de Paris, pormenor que não tem nada de insignificante...

A fechar a relação, dois interessantes filmes: uma comédia musical com Martha Eggerth e *Mister Flow*, de género policial, com Fernando Gravey num papel diferente dos que tem desempenhado até aqui.

Do primeiro grupo distribuído por Raúl Lopes Freire fazem parte, entre outras, as seguintes produções:

Tu és a minha felicidade... Versão alemã com o célebre tenor Benjamino Gigli que ainda não conhecemos mas de que se diz maravilhas na arte de cantar.

O *Castelo de Flandres*. É um filme realizado por Geza von Bolvary, com a encantadora Martha Eggerth.

Imperador da Califórnia, produção que foi apresentada durante as Olimpíadas em Berlim. Foi a triunfadora na

Bienal de Veneza o que assegura a sua grande classe. No protagonista, Luiz Trenker.

A U. F. A. teve, em tempos, uma voga extraordinária entre nós. Depois o cinema alemão entrou a declinar; a Ufa foi perdendo aos pontos.

Parece disposta agora a retomar o caminho perdido.

A reconquista de Lilian Harvey é um largo passo nesse caminho. De volta da América, cujo «clima» a estiolava, vê-la-emos em *Rosus negras*, na versão francesa.

Henry Gara, também contratado pela Ufa, dança na *Valsa Real*, com o seu ar petulante que tem o contão de nos irritar... e de agradar ao belo sexo. A seu lado trabalham Renée Saint-Cyr, Mila Parély, etc.

Em *Cavalaria ligeira* teremos a Mona Goya, Constant Rémy, Gabriel Gabrio e outros. A acção passa-se num circo. Versão francesa.

A azougada Anny Ondra, a ingénua atrevida, a menina-bonita da Alemanha, aparece em *Lua de mel* (sem Schenkeling...).

Seu ex-marido, Karl Lamac, realizou. Não admira...

Os dois favoritos é uma comédia musical com Liselle Lauvin, artista francesa que a Ufa soube aproveitar.

Harry Piel dá-nos mais um esplêndido filme de aventuras, em que é ao mesmo tempo realizador e intérprete: *A voz da selva*.

Lá para Dezembro talvez tenhamos então ocasião de nos referirmos ao segundo grupo de filmes de Raúl Lopes Freire, entre os quais, sabemos já, alguns são interpretados pelo grande Jaunings.

Contamos terminar na próximo número esta resenha, tão extensa como curiosa, de filmes estrangeiros a exhibir na temporada 1936-1937.

Depois falaremos dos nossos (os últimos são os primeiros). E, também, sob este aspecto, a nova temporada realmente promete...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Grave, hierática, Marlene escuta as palavras de amor de Charles Boyer, cujo face parece reflectir as preocupações da sua situação, na meia do deserto imenso, em luta com as tribus rebeldes

Votos e desejos

Um professor, num grande colégio americano, fez um inquérito entre os seus discípulos, para saber o que gostariam de ser, no futuro. Eis as respostas:

Maioria masculina:

— G. Men (policías encarregados da luta contra os gangsters).

Maioria feminina:

— Ginger Rogers...

«A FUGA DE TARZAN»

As filmagens do 3.º Tarzan-Weissmuller, *A Fuga de Tarzan!* tem sido objecto de especiais cuidados.

Foi iniciado há dois anos. Há um ano, dado por concluído. Os magnates da Metro — cientes de que no dia em que o Novo Tarzan seja inferior aos precedentes, se acaba a mina... — não se deram por satisfeitos e mandaram-no novamente para o estúdio, entregue a outro realizador.

Em Outubro, porém, estará definitivamente pronto.

O filme custou já um milhão e meio de dólares, ou sejam cerca de 36 mil contos da nossa moeda.

OS RESULTADOS DA BIENAL DE VENEZA

“O Imperador da Califórnia” ganhou a Taça Mussolini

A IV Exposição Internacional de Arte Cinematográfica terminou com um êxito triunfal para a arte cinematográfica alemã. A mais alto recompensa, a Taça Mussolini, foi concedida ao filme alemão, de Luiz Trenker, «O Imperador da Califórnia». A arte cinematográfica alemã foi ainda contemplada com mais dois prémios e cinco medalhas. O filme sobre os jogos olímpicos de inverno, «Juventude do Mundo», teve o prémio «Luce», como o melhor documentário, e o filme «Acorde final», como o melhor filme musical, recebeu o prémio do Instituto de Teatro.

É sabido que neste filme se executa, pela orquestra e coros da Ópera Municipal de Berlim, o último andamento da 9.ª Sinfonia de Beethoven. Com medalhas, foram premiados os

filmes de enredo «Ave Maria» e «Traidor», bem como os filmes culturais e escolares «Metal do Céu», «Um mar que se afundou» e «A câmara viaja connosco».

O prémio para a melhor realização recebeu-o Feyder pelo filme francês «Kermesse Heroica». Como melhor actriz, foi premiada Annabella, no filme «Véspera de combate». Como melhor actor, Muni, no filme da Warner Bros: «A vida de Louis Pasteur». Como melhor fotografia, o filme inglês «Tudor Rose». O prémio para o melhor filme político-social ganhou-o o filme italiano da Abissínia, «Marcha de Heróis». Como obra de cinematografia científica, foi premiado o filme da «Luce» «Um golpe de vista sobre o fundo do mar».

QUESTÃO DE PRINCÍPIO...

A sensibilidade, a espontaneidade, a justeza da expressão artística de Katharine Hepburn são célebres, em Hollywood. Todas as suas cenas, ficam bem, logo à primeira vez. Mas, às vezes, o seu director habitual, obriga-a a repetir, embora esteja convencido da desnecessidade da repetição.

E explica:

— É uma questão de princípio! Esta facilidade de expressão de Katharine Hepburn ser-lhe-ia prejudicial, se, de tempos a tempos, não «duvidasse» do seu trabalho. É que ela acharia tudo tão fácil, que a sua actuação não lhe daria gosto para se aperfeiçoar e fazer melhor.

Eddie Cantor na «Fox»

«Motion Picture Herald» confirma a notícia, que já demos, de Eddie Cantor haver rescindido o contrato com Samuel Goldwyn. O famoso cómico americano foi contratado pelo 20th Century Fox.

CARTA do PORTO

Este novo pó
aguenta-se durante
9 horas

ESTAMOS a quinze dias da solene abertura da nova temporada cinematográfica. Precisamente de hoje a duas semanas inaugurar-se-á a grande estação nos cinemas Trindade e Olímpia, o que equivale a dizer que vão movimentar-se intensamente estas duas casas de espectáculos, enchendo-se de um público ávido de começar a profundar-se nos segredos da nova produção, ansioso de principiar a saborear os últimos sucessos mundiais, de que tem andado arredado há alguns meses.

No dia 5 de Outubro deve também reabrir o São João Cine e inaugurar-se a época de inverno no cinema Águia de Ouro. Mais intensidade começa a sentir-se na frequência, maior e mais entusiástico ambiente, mais animação se verifica nesta grande quermesse filímica que é o abrir da época todos os anos.

Tudo se conjuga, todos os esforços tendem a tornar a temporada cinematográfica 1936-37, nesta cidade, intensa e brilhante sob diversos aspectos. Além de todos os cinemas terem primado na selecção dos seus programas, tendo na devida linha de conta as exigências, sempre crescentes, do público, além de, na verdade, o espectáculo cinematográfico, em Portugal, ter vindo melhorando enormemente, de ano para ano, temos, no caso desta cidade, uma outra vantagem, a deixar-nos prever uma temporada plena de intensidade.

É que tendo o Porto oito casas de espectáculos, apenas uma continua explorando teatro. E, como tudo parece indicar, a temporada teatral vai ser muito fraca de valores, a despeito de esta casa não ter concorrência, pelo menos organizada por agora, pelo que é absolutamente natural que a corrente do público que habitualmente encareira para o teatro, implicitamente manifeste uma maior tendência para o cinema.

E em boa verdade se deve afirmar que todos os esforços, absolutamente todos, até mesmo os que demandam um certo espírito de audácia, foram emprezados pelos nossos empresários cinematográficos, para poderem oferecer ao seu público, espectáculos rigorosamente de harmonia com o que de melhor se apresenta, pelo menos, nos maiores centros europeus.

Justo é, pois, que o público, essa grande massa móvima que anima e vivifica todas as iniciativas, saiba corresponder à soma de energias dispendidas para o pôr rigorosamente ao corrente do momento cinematográfico internacional.

Indispensável é também que a legião cinéfila além de acorrer, com *élan* a essa parada de reais valores, que vai ser o desfilar de tantas super-produções, saibam também, cada um de per si, propagandear, realçar, o mérito dessas obras em que tanta beleza é elevada pelas possibilidades, cada vez maiores, da técnica cinematográfica.

Bem sabemos que vai continuar a persistir um balófo espírito de pretenciosismo e exigência que quasi sempre, caracteriza aquela facção pública que menos conhecimentos possui, já não diremos da complexa maquinaria do cinema, mas, pelo menos da arte, em si.

Não estranhemos, portanto, que essa coorte de críticos de café, sempre que lhe surja uma produção que não possua todos, absolutamente todos os requisitos de um filme superior, sob todos os pontos de vista, procurem menosprezar a arte dum forma abstracta. Ora, assim como pelo facto de num museu existirem quadros melhores que outros, não quer dizer que a pintura ande pelas ruas da amargura. E mesmo, entre obras-primas, não é possível fazer-se uma selecção, segundo os gostos, as tendências ou preferências de cada um?

Por isso mesmo é que podem os fáceis críticos de café, pontificar do alto da cátedra da sua maliciância que o cinema continuará firmando a sua só-

lida posição, como arte e como espectáculo, de que a próxima temporada vai ser a melhor e mais convincente demonstração.

Esperando uma estréla

Não pode ser indiferente ao íntimos amadores de música e do belo-canto, que existem nesta cidade formando legião, as produções em que nos é dado apreciar os maiores cullores da divina arte e as mais privilegiadas gargantas do mundo.

E que assim é, constata-se no grande êxito que os filmes líricos, ou pelo menos com alguns trechos clássicos intercalados, fazem entre nós.

Poderão não interessar, profunda e intensamente esses artistas, sobretudo os cantores, às modernas gerações, pelo desconhecimento da técnica do canto, ou por insuficiência de cultura artística, mas, a verdade é que, sempre que, nos nossos cinemas, surge um cantor de real valor, os velhos exultam e, simultaneamente, os novos rendem-se imediatamente, se não à técnica apresentada, pelo menos à beleza evidente dessa arte peregrina.

Assim, para gáudio de muitos a quem o canto interessa anuncia-se que vamos ouvir, na próxima época, mais uma cantora, voz privilegiada que, decerto, vai confirmar aqui o êxito, a grande fama de que vem precedida.

Essa estréla é a grande e famosa cantora Lily Pons, um dos maiores sopranos líricos do mundo, que a Aliança Filme, desta cidade, nos vai apresentar em duas produções da R. K. O-Ildio.

A pequenina cantora do Metropolitan Opera, de Nova-York, anarecer-nos-á nos filmes *A Voz do Amor* e *Vivo Sozinho*, deliciando-nos com a sua voz excepcional.

Podem, portanto, os amadores do belo-canto prepararem-se para ouvir dentro de pouco tempo, uma cantora célebre, o que conseguirão com pouco dispendio e que nunca poderiam apreciar, em Portugal, se não fossem as insuperáveis possibilidades do cinema.

Lily Pons, sendo uma vedeta de ópera de incontestável valor, surgir-nos-á como vedeta cinematográfica de real mérito.

Destá maneira os que da arte musical não conhecem senão o que a vida moderna permite apreciar através dos espectáculos do nosso tempo, vão ouvir alguém que é um dos valores mais representativos do belo-canto mundial, e os técnicos, sabem-no bem, terão motivo para se entusiasmar porque podem distinguir perfeitamente o trigo do joio.

Os sebastianistas de produção

Teima-se, persiste-se num erro que não poderá etão cedo deixar de pertencer ao número das quimeras, das aspirações bonitas e úteis, mas, absolutamente, irrealizáveis — por enquanto.

Batem-se encarnicadamente alguns cinefílos, cujas boas intenções não deixam de nos merecer a mais franca e mais larga simpatia, para que o Porto, como outrora, tenha a sua indústria cinematográfica.

Não podemos deixar de demonstrar a utopia que tão plausível intensão representa por enquanto, por não haver possibilidade de praticamente se realizar filmes nesta cidade.

Para a produção actual, não temos nenhuma espécie de instalação que se pareça com um estúdio — sobretudo para as inúmeras e múltiplas exigências da técnica contemporânea.

Devois, para os filmes sonoros há sempre necessidade de se recorrer a artistas de teatro que nesta cidade não permanecem com a assiduidade precisa para se ter, de um momento para o outro, à mão, os elementos que inespereadamente fossem necessários, como tantas vezes acontece.

Bem sabemos que com dinheiro tudo se consegue, e esse argumento parece ser o melhor ponto de defesa das ideias dos nossos sebastianistas de produção, mas, precisamente para que a produção possa assentar em bases firmes é que a defesa do capital, a não empregar, deve ser metódica e esmeradamente estudada.

Foram as continuadas tentativas e, até certo ponto, o pouco esmerpulo na organização, artística e comercial, desses negócios, que nunca permitiram, após o ter terminado a laboração da Invieta Film, que nesta cidade se pudesse fazer cinema a sério — quer como indústria, quer como arte.

E, no entanto, as experiências, as tentativas, surgiram continuamente, tendo até algumas delas resultado bons negócios, pela enorme capacidade de defesa que o cinema silencioso oferecia.

Os tempos, porém, são outros. A técnica é profundamente diferente. A organização da produção estruturalmente diversa.

Para uma tentativa séria — e nem outra coisa podia ser feita — seria necessário um epaite de capital que, possivelmente, não teria, a imediata recompensa pelo que se tornaria muito difícil realizar.

Para uma empresa capaz, seria necessária uma organização cuja importância, cuja capacidade, talvez o nosso meio não suportar nestes tempos mais chegados.

Limitemo-nos, portanto, dentro do melhor e mais acendrado espírito cinéfilo, a aguardar com entusiasmo as produções que vão sendo possível realizar em Lisboa.

Na sua essência, no seu âmago, está todo o nosso espírito, está toda a nossa paixão e entusiasmo, a paixão e o entusiasmo daqueles que tão devotadamente se entregam à construção do edifício da arte nacional e que pelo muito que valem são, perenemente, credores da nossa maior e melhor simpatia e admiração.

E, tributando-lhe já cumprimos suficientemente o nosso dever.

CARLOS MOREIRA

Le r «Stadium» é andar a par do desenvolvimento desportivo de todo o mundo



Uma epiderme da tonalidade ou de cor naturalmente iodada dá ao rosto uma beleza que o moreno natural, muitas vezes não consegue. Há peles, porém, que acusam estragos pela exposição ao sol. Assim o ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA, lançou um produto cuja agrado e acção têm sido potentes e que, dando à pele a cor bronzeada, exacta e natural, tal como os raios solares, a preserva simultaneamente do sol. O duplo valor deste produto é aumentado pela circunstância da não ser alcosa e permitir a «maquillage» habitual. BRONZISOL não deixará desvanecer-se da epiderme, essa linda cor doirada e quente que o verão e a praia emprestam a cada rosto.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA



Que alívio não ter que recorrer constantemente ao arminho — espectáculo que todos os homens delectam. No entanto, nunca tenho o nariz brilhante e estou sempre certa de que o meu rosto conservará, durante todo o dia, a sua frescura e seu fino «maite» e «veludado». Aplique, simplesmente, o Po Tokalon (com «mousse de crèmes»), de manhã. Eu chamo-lhe o «Pó d'Arroz das 9 horas» porque fica muito mais tempo que qualquer outro pó que eu tenha empregado: a transpiração não o atravessa, não se altera com o vento ou com a chuva, tonifica a pele e suprime os poros dilatados. Fazendo V. Ex.ª, mesma esta experiência das 9 horas, assegura-se dum novo encanto.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

afaxi, Lda

TODOS OS ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA

TRABALHOS PARA AMADORES

GALERIA FOTOGRAFICA

TEL. 2 8836

R. AUGUSTA, 110, 118/ LISBOA

O TERRAMOTO DE S. FRANCISCO, reconstituído para o cinema

Os ponteiros do relógio do velho edifício da Estação das Barcas marcavam exactamente cinco e treze minutos. Amanhecia, e quasi toda a cidade ainda dormia—excepto os alegres tresnoitados, que saüdam a madrugada num baile realizado no popular Lyric Hall.

De repente, a natureza resencadeia as suas terríveis forças de destruição. A terra começa a tremer, as casas veem abaixo.

Homens, mulheres e crianças em pânico, saiem em tropel dos prédios, cam-

baleando, soltando gritos lancinantes, para ficarem enterrados entre os escombros dos paredões.

Os fios eléctricos caem nas ruas, ateando fogo aos cabos de gás. Um chinês de idade madura, com uma criança às costas, procura um lugar seguro para se refugiar. Um ancião de rosto sujo e lacerado salla duma janela, segurando uma gaiola vasia.

Diante do Lyric Hall, Clark Gable, cambaleante, com um corte enorme no rosto e a camisa branca manchada de sangue, grita:

— «Mary! Onde estás, Mary!».

As colunas vacilavam. Os vidros das janelas esmigalhavam-se. Os tejolos das casas caíam sobre os seres humanos.

«Está bem!» grita uma voz forte! E acabámos de preseciar os horrores dum terremoto... um terremoto artificial, já se vê, mas com toda a horripilante autenticidade dum verdadeiro.

— «Muito bom para ensaio!» disse o director W. S. Van Dike. «Agora vamos filmá-lo».

O que acabávamos de descrever é uma cena do emocionante filme musical, *São Francisco*, no qual Clark Gable e Jeanette MacDonald aparecem juntos, pela primeira vez.

Van Dyke deu ainda algumas ordens...

— «Maquillage para estas jóvens!».

Os peritos de «maquillage» appareceram immediatamente e puseram-se em acção.

— «Agora lembrem-se», disse o director: «Corram dum lado para o outro. Vocês estão aterrorizadas, meio loucas e gritando. Isto é um terremoto. Pohnham mais mulheres, com crianças nos braços, naquelas janelas».

Depois, dirigindo-se a um dos encarregados do guarda-roupa disse:

— «Rasguem mais a roupa de Gable.

Está limpa demais para esta cena...».

No fim da rua em ruínas, um grupo de «extras» jogam as cartas.

— «Acabem com isso!» ordena o director. «Vocês, que estão no telhado... fiquem aí e deixem cair terra concludentemente! Não se importem em quem cái.

— «Atenção! Vamos filmar! As má-

quinas de ar!».

As máquinas de ar começam a rugir, lançando núvens de fumarada e pó sobre Gable e demais actores. As câmaras funcionam sem cessar. Repete-se novamente a cena que descrevemos acima. Gable sai cambaleando novamente do Lyric Hall... E assim começa um dos episódios de *São Francisco*.

São Francisco é a história duma humilde cantora dum café da Costa Bárbara, que chega a ser estrela da Ópera. Jeannette MacDonald encarna a cantora e Clark Gable, o dono do café. O elenco inclui ainda Spencer Tracy, Jack Holt, Ted Healy e Shirley Moss e outros.

Bernard Himan e John Emerson são os produtores de *São Francisco*, que foi adaptada para a tela por Anita Loos, cuja história original de Robert Hopkins.



Dolores del Río, fotografado no «Queen Mary», à sua chegada à América

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

—

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

—

À VENDA EM TODO O PAÍS

—

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1350

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1265 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da

Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

| | |
|---|-------|
| 52 números 1 ano | 48500 |
| 25 " 6 meses | 24800 |
| 12 " 3 meses | 12800 |
| Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano | 65500 |

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Perfís cinematográficos

ROSE STRADNER

ROSE nem me deixou falar. Mal a cumprimentei e já ela começou a falar como se estivesse a recitar o seu papel:

— Temos entrevista? Pois olhe, antes que me faça a estereotípica pergunta que é costume dirigir às artistas que se encontram mais ou menos no auge da sua carreira, permita que lho diga que a minha não começou com «éclats». Infelizmente, talvez, porque acho interessante a fábula das cenas dramáticas que as artistas representam perante as suas famílias no limiar da vida teatral. Lembro-me muito bem que tinha dez anos quando disse a meus pais que a minha vontade era ser actriz de teatro. Meus pais tiram-se, como se tiem todos os pais, com um ar do superioridade, quando os filhos lhes fazem semelhantes proposições. O que eu soi é que pouco depois entrava para uma escola de arte dramática, e, terminados os cursos, consegui logo um contrato para Zurich, onde comecei, como todos os artistas, a fazer papéis de ingénua, «boys» fardados, rapazinhas de Guillaume Tell, etc. Depois, vieram os papéis mais importantes, com tudo o que têm de instrutivo para quem deseja aperfeiçoar-se. Estive depois em Brinn e seguidamente em Viena, onde comecei a perder os ares de actriz de provincia. Em Viena, representei do tudo, clássicos e contemporâneos, comédias e farsas. O meu grande acontecimento foi uma interpretação numa peça de Gerhart Hauptmann, com Emil Jannings no papel do protagonista. Entrementos chamaram-me para trabalhar em filmes, e é assim que hoje ando sempre de Berlim para Viena e vice-versa, isto é, trabalho quatro meses no teatro e a

rostanto parto do ano passo-a nos estúdios de cinema, ou a descansar. Para evitar outras perguntas: não sou colecionadora de cactos, nem de borboletas, não tenho cães, gosto de todas as flores e não de uma só espécie das ditas, o, por mais inverosímil quo isto pareça, a minha vida não tem nada de sensacional.

Rose Stradner falou depois do seu novo filme «Stadt Anatol» (Cidade de Anatólia), no qual trabalha com Gustav Fröhlich. E como sabemos quo ela, neste filme, trata o Fröhlich cruelmente, merecendo-lhe talvez a antipatia do público feminino, ousamos interrompê-la para lho fazer vor que esse papel não deve ser muito agradável para uma actriz tão popular, tão estimada... Mas Rose Stradner contestou logo:

— Está enganado. É justamente estos papéis «antipáticos» que eu mais aprecio. Sei que todas as outras actrizes dirão o mesmo quando estão contratadas, mas no meu caso há ainda um outro motivo. O meu novo papel é realmente um tema dramático em que a actriz tem de ser, por um lado, muito feminina e também, por outro lado, um tanto ou quanto máscula; por outras palavras: a mulher que eu interpreto ama com todas as veras do seu coração, mas é bastante inteligente para estar à altura das circunstâncias e para não se deixar guiar tão semente pelo sentimentalismo. Depois, a aparência que este papel encerra é para mim como que um trófério após uma série de filmes em que ou tive de interpretar a «mulher incompreendida».

Berlim, Setembro de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 48 — 14 DE SETEMBRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO. 1\$00



JANET GAYNOR

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA

